

Aprender a ficar com o problema: arte-ciência e fabulação diante da catástrofe

*Learning to stay with the trouble: art-science and fabulation
facing the catastrophe*

LEONARDO PASTOR

Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador do Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologias (Lavint/UFS). E-mail: leopbr@gmail.com

IGOR LAGE

Doutor em Comunicação pela UFMG. Pesquisador do grupo Tramas Comunicacionais (UFMG). E-mail: igor.lage.alves@gmail.com

JOÃO DAMASIO

Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (Narra/UFU). E-mail: jooadamasio16@gmail.com

REGES SCHWAAB

Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Líder do *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM). E-mail: reges.schwaab@ufsm.br

RESUMO

O trabalho ensaia sobre a impossibilidade de inscrever as catástrofes do Antropoceno apenas ao âmbito climático, ignorando suas interfaces políticas, comunicativas e narrativas. As elaborações aqui sugeridas emergem de um movimento de pensar-com a exposição *Testemunhos da Terra*, de Camila Proto e Anelise De Carli. Procuramos compreendê-la como uma mundificação de arte-ciência, que permite atender ao chamado de Haraway para “ficar com o problema”. Em sua proposta especulativa, a exposição articula múltiplas temporalidades enquanto revela vestígios da presença ancestral do povo Guarani em Porto Alegre. Esse passado presente retorna com as enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em 2024, oferecendo insumos à resistência e ativando gestos comprometidos com outros modos possíveis de se relacionar com a terra e co-habitar os diferentes mundos.

Palavras-chave: Antropoceno; fabulação especulativa; catástrofe.

ABSTRACT

*This essay reflects on the impossibility of limiting the catastrophes of the Anthropocene solely to the climate sphere, ignoring their political, communicative and narrative interfaces. The analysis suggested here emerge from a movement of thinking with the exhibition *Testimonies of the Earth*, by Camila Proto and Anelise De Carli. We aim to understand it as science art worldings, which allows to heed Haraway's call "to stay with the trouble". In its speculative proposal, the exhibition articulates multiple temporalities, as it reveals traces of the ancestral presence of the Guarani people in Porto Alegre (South of Brazil). This present past, revealed by the floods that devastated Rio Grande do Sul in 2024, offers inputs for resistance and activates gestures committed to other possible ways of relating to the Earth and the different worlds in cohabitation.*

Keywords: *Anthropocene; speculative fabulation; catastrophe.*

INTRODUÇÃO

Adentramos um espaço fechado, no qual todas as paredes estão pintadas de preto. Virando à direita, encontramos em destaque, iluminado em meio ao ambiente escuro, um único objeto: uma cerâmica de forma oval, com uma abertura na parte superior. Trata-se de um Yapepó Guarani, uma panela utilizada no preparo de refeições. Enquanto observamos os detalhes do utensílio feito de argila, ouvimos um som repetitivo que preenche o ambiente. Esse som nos remete a algum tipo de escavação, a um movimento constante de areia ou terra, que se mistura com o barulho de gotas d'água caindo de forma intermitente. Virando à esquerda, somos surpreendidos por vários papéis pendurados – documentos, arquivos? – que formam uma espécie de arquitetura esférica, similar a uma cabana. Há um espaço livre, através do qual nos sentimos convidados a entrar. Nesse espaço interno, em sua parte central, percebemos cabos pretos que deixam pendurados pedaços de cerâmica. No chão, vemos um amontoado de areia reunido em forma de círculo, no qual duas mãos são projetadas em vídeo, realizando um movimento de revirar repetidamente aquela areia, um movimento que parece ao mesmo tempo escavar e aterrar. Em volta, como se fossem as paredes interiores da cabana, conseguimos ler o que dizem os papéis ali pendurados. São notas, registros diversos, escritos, marcações, mapas, descrições, artigos, notícias... “Em Porto Alegre, é encontrado material arqueológico inédito”, anuncia uma delas.

O relato acima descreve o que poderia ser uma visita à instalação *Testemunhos da Terra*, de Camila Proto e Anelise De Carli, exposta no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre, no período entre 28 de novembro de 2024 e 2 de março de 2025.^[1] No texto de apresentação, logo na entrada do espaço, elas sinalizam: “A água leva e a água traz. Esta exposição nasce de um fenômeno fabulativo: e se, entre os desastres das enchentes de 2024, o Guaíba inesperadamente fizesse aparecer indícios soterrados da sua história?”. A proposta é imaginar o evento catastrófico – no caso, as inundações ocorridas no estado do Rio Grande do Sul entre o final de abril e o início de maio de 2024, decorrentes das fortes chuvas na região – como um agente que faz aparecer uma dimensão da história local muitas vezes apagada e ignorada. Explorando um limiar entre arte e ciência, a exposição busca nos colocar diante da catástrofe – do que ela foi, do que é, do que pode vir a ser –, oferecendo fabulações a partir dos tempos precários do Antropoceno, época em que respostas ao estado das coisas dependem de uma relação sensível com o mundo.

Testemunhos da Terra nos remete, logo de início, a um chamado feito por Donna Haraway (2023): “Fique com o problema!”. É o desenho convidativo de uma proposta de, simultaneamente, rejeitar um “tecnosolucionismo” simplório, que projeta um futuro de salvação por meio da tecnologia, e rejeitar assumir uma posição derrotista de não haver mais solução possível para as

consequências da intervenção humana na Terra. Haraway (2023, p. 113) busca um outro caminho que envolve perceber as possibilidades, no presente, de coexistência nesses “tempos precários e arriscados, nos quais o mundo não acabou e o céu não caiu – ainda”. Significa, portanto, assumir modos possíveis para “estabelecer parentescos estranhos” e sobreviver neste mundo deteriorado, colocando-nos ativamente diante da devastação do planeta – da qual as enchentes em Porto Alegre, por exemplo, são uma das inúmeras consequências.

Entre os modos possíveis para “ficar com o problema”, escreve Haraway (2023, p. 140), estão as “mundificações ativistas de arte-ciência comprometidas com o restabelecimento parcial, a reabilitação modesta e o ressurgimento ainda possível nesses tempos difíceis do Antropoceno e do Capitaloceno imperiais”. Haraway propõe o termo “arte-ciência” a partir do conceito de *simpoiesis*, usado para designar sistemas produzidos coletivamente, nos quais o controle do próprio sistema se encontra distribuído entre os seres (humanos e não humanos) que o compõem. Essa dimensão de cooperatividade, aliada à existência de uma intenção reparadora, mostra-se crucial na elaboração de uma proposta que seja capaz de pensar e de agir em um mundo danificado por meio do entrelaçamento entre esses dois grandes campos, arte e ciência.

É para esse compromisso que, em sua experimentação de arte-ciência, *Testemunhos da Terra* parece nos convocar: a aprender a imaginar modos possíveis de estabelecer conexões parciais diante de uma catástrofe; pensar juntos, ao sermos confrontados com a situação limite e urgente do Antropoceno, uma sobrevivência colaborativa em meio a ambientes e subsistências precárias (Tsing, 2015). Neste artigo, buscamos compreender de que maneira *Testemunhos da Terra* nos convoca, por meio de uma fabulação de arte-ciência e de imaginação do possível, a *aprender a ficar com o problema* e a pensar diante da catástrofe em um mundo degradado pelo Antropoceno.

Para a composição do presente texto, acionamos a pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2012)^[2] e documental (Moreira, 2012),^[3] em interface com a entrevista em profundidade (Duarte, 2012) que, em sentido qualitativo, buscou cotejar, estimular descrições e elaborações interpretativas por meio do diálogo crítico. Dessa forma, realizamos uma entrevista aberta^[4] com Camila Proto e Anelise De Carli, com questões não estruturadas previamente, mas derivadas de temas gerais que as etapas de pesquisa bibliográfica e documental suscitaram. Em termos de abordagem, conforme Duarte (2012, p. 65), trabalhamos no sentido de aprofundamento do diálogo, considerando que a “resposta a uma questão origina a pergunta seguinte”. Na conversação, primamos pela participação de ambas as informantes, estimulando a interação entre elas, o que naturalmente aconteceu, propiciando que cada fala avançasse a partir da intervenção anterior, garantindo fluência e naturalidade, mantido o foco nos elementos conceituais e nos objetivos que movem a reflexão aqui proposta. Nesse sentido, o tom adotado na situação de entrevista foi

de um aprofundamento especulativo, podemos dizer, em que as questões tiveram o objetivo de cotejar, sondar e propor indagações que levassem em conta a problemática da fabulação.

A partir desses movimentos, nossa reflexão-ensaio considera a impossibilidade de inscrever os eventos e as catástrofes somente no âmbito climático. Antes, salienta a necessidade de pensar as interfaces políticas, comunicativas e narrativas desses eventos. Como pano de fundo, não deixa de ecoar a pergunta sobre quais implicações essas miradas trazem para a pesquisa na nova época da Terra.

TRAGÉDIA POLÍTICO-CLIMÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2024) publicou uma estimativa sobre a população atingida pelas enchentes no Rio Grande do Sul entre o fim de abril e maio de 2024. Com números referindo-se a cada um dos 418 municípios em estado de calamidade ou emergência, a nota técnica apontou que foram atingidas “pelo menos 876,2 mil pessoas em 420,1 mil domicílios”. Esse documento estimativo (portanto, em alguma medida, também especulativo) informou diversas reflexões e reportagens, além de imagens como a mancha de impacto da enchente no estado.

Apesar de recente, o acontecimento “enchentes no Rio Grande do Sul” já vem sendo analisado em diversas áreas do conhecimento. No campo narrativo, destaca-se o apelo pela “criação de práticas e saberes que atendam às demandas contemporâneas através da convivência entre os múltiplos atores – humanos e mais-que-humanos – que compõem interdependentemente as paisagens”, conforme consta no relato etnográfico de Fontoura (2025, p. 17), ao reunir registros de campo, dados públicos, além de textos jornalísticos e acadêmicos.

Todos esses materiais, da ordem do informacional, revelam o que desponta nos estudos em Comunicação a respeito do tema. Latente, o problema comunicacional no Antropoceno desgasta-se na factualidade do acontecimento. Resulta disso que quase a totalidade dos estudos até o momento se direcionaram ao problema da desinformação. Identificam-se inúmeras “narrativas desinformativas” (Jesus-Silva e Martins, 2024) e percebe-se uma “crise de desinformação” junto à “crise socioambiental” (Feitosa, 2024). Também em congressos acadêmicos permanece a centralidade da preocupação com a desinformação em uma variedade de fenômenos, como o uso de imagens geradas por inteligência artificial (Barros, Bianchi e Barbosa, 2024) ou o negacionismo climático em perfis de checagem de dados na rede social Instagram (Moraes, 2024).

Se um regime discursivo antropocêntrico pode satisfazer-se com a dimensão da informação e do enfrentamento à desinformação, a perspectiva narrativa e temporal que nos interessa assume a relevância social dessas preocupações, mas evidencia a massa de documentos técnicos não como a finalidade, mas como um dos elementos narrativos inscritos, por exemplo, no universo fabulativo de *Testemunhos da Terra*, como veremos adiante.

Essa perspectiva costura-se não apenas na instalação sobre a qual nos debruçamos neste artigo, mas no pensamento das artistas-pesquisadoras que, inspiradas em pensadoras do Antropoceno, buscam *narrar-com* as enchentes. Na entrevista realizada para este artigo, De Carli e Proto (2025) comentam que algumas reflexões propostas em *Testemunhos da Terra* nasceram de uma visita realizada, em 2019, à comunidade Mbyá-Guarani que ocupa um território próximo a Porto Alegre conhecido como Ponta do Arado. Das histórias contadas pelo cacique Timóteo Karay Mirim, surgiram os primeiros esboços de um trabalho pautado pela ideia de um “imaginário das águas” – trabalho que, anos mais tarde, seria interrompido, atravessado e reposicionado diante da catástrofe decorrente das enchentes no Rio Grande do Sul. Falando do presente em seu contato imediato com o passado e convocando para um futuro integrado, *Testemunhos da Terra* narra a agência das águas na medida em que revela vestígios da presença ancestral do povo Guarani em Porto Alegre. Em entrevista à *Matinal Jornalismo*, Proto afirmou que “se fosse para falar de águas, falaríamos não *sobre* a enchente, mas *com* a enchente” (Romanoff, 2024). Ficar com o problema.

Testemunhos da Terra entra em exposição a partir de novembro de 2024, ou seja, seis meses depois da “tragédia político-climática”, como denominam De Carli, Conter e Proto (2024) em um ensaio que mescla análise de imagens visuais e sonoras das enchentes a relatos do vivido pelos autores, que habitavam regiões atingidas. Em especial, o texto argumenta como “Gaia irrompe” em suas atividades acadêmicas e artísticas, desafiando as narrativas humanas centradas no que chamam de “efeito de controle” – “a imposição da voz humana como principal canal nessas narrativas audiovisuais do Antropoceno” (De Carli, Conter e Proto, 2024, p. 211). Recuperamos esse relato dos três pesquisadores gaúchos, dentre os quais as duas artistas que assinam *Testemunhos da Terra*, porque seu programa coletivo de pesquisas ilumina e necessariamente integra o processo de elaboração da obra em apreciação neste momento, dialogando diretamente com os objetivos do nosso texto.

Inspirados em Stengers, De Carli, Conter e Proto (2024) abordam a construção das narrativas sobre o Antropoceno, abandonando a univocidade dos dados explicativos e aderindo a uma relação consequente entre pensar, sentir e narrar:

(...) além de *pensar* a crise climática, para propriamente pensá-la em sua multiplicidade, é preciso também *sentir* essa crise, e, para senti-la sem ser sua vítima direta, isto é, sem estar presente, mas levando adiante o compromisso

ético do testemunho da barbárie, é preciso *narrar* a crise (De Carli, Conter e Proto, 2024, p. 214)

Nesse contexto, a comunicação no/do Antropoceno ultrapassa a dimensão informativa sobre um acontecimento e passa a incorporar dimensões sensoriais e imaginativas para lidar com a incomensurabilidade dos eventos climáticos no Antropoceno. Reorientando o imaginário antropocêntrico, essa abordagem abre-se à experimentação narrativa, uma dimensão de potência do relato e do testemunho.

Assim, com interesse na legibilidade das imagens e sonoridades do Antropoceno, o ensaio frequentemente contrapõe imagens informativas do jornalismo e imagens comunicativas das experiências profundas evocadas pelo testemunho das enchentes. Tentando “pôr em cena falas e agências não humanas” (De Carli, Conter e Proto, 2024, p. 222), o trio critica a visada antropocêntrica e puramente informacional:

Esta montagem das imagens visuais e sonoras utilizadas na comunicação audiovisual das inundações apenas reiteram imagens de pensamento já conhecidos, não performando o espaço crítico sugerido por Deleuze e sublinhando a narrativa própria desta humanidade que insiste “saber” de tudo, mesmo disto que se anuncia como um futuro nada previsível e muito iminente (De Carli, Conter e Proto, 2024, p. 224)

Os autores consideram, por fim, que há “nas práticas fabulativas e especulativas um modo de narrar mais potente, que surge de e exige um corpo atento e aberto ao que o outro, humano ou não humano, tem a dizer” (2024, p. 224). Narrar é, portanto, uma abertura para o possível, caracterizadora do comunicacional, que interessa, precede e atravessa as artistas-pesquisadoras que criaram *Testemunhos da Terra*.

Seu escopo de referências sobre o Antropoceno, com Haraway, Stengers, Tsing, dentre outros, nos é comum em várias camadas. Diante do olhar situado de quem narra com as enchentes, nosso olhar neste artigo pretende promover um jogo das situações em que possamos pensar no modo como a narrativa nos convoca, nos concerne, em suas dimensões de arte-ciência e de imaginação do possível no Antropoceno.

GUAÍBA: FICAR E FABULAR

“Nós – todos os seres da Terra – vivemos em tempos perturbadores; tempos confusos, turvos e desconcertantes. Nossa tarefa consiste em nos tornarmos capazes de responder,

conjuntamente e em toda nossa abundância espevitada de tipos”, escreve Donna Haraway (2023, p. 9). Esse chamado de “resposta” vincula-se ao modo como podemos arriscar a criar associações possíveis que configurem novas maneiras de vida diante desses tempos precários – responder à crise instalada ao aprender a estar presente através de combinações inesperadas. “A missão”, Haraway propõe, “é formar parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso”. Não se trata de um conformismo com a situação cada vez mais precária do mundo, mas sim um chamado para ação, seja como prática de pensamento – que suscita possíveis –, seja inventando colaborações multiespécies ou experimentando com arte-ciência: “Nossa tarefa é criar problemas, suscitar respostas potentes a eventos devastadores, e também acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos” (Haraway, 2023, p. 9).

Seguindo Haraway (2023, p. 198), o Antropoceno colocado aqui em questão não se refere propriamente a uma época, mas a um “evento limite” – um evento que se revela para além da expressão “mudança climática”: “são também as imensas descargas de produtos químicos tóxicos, a mineração, a poluição nuclear, o esgotamento de lagos e rios acima e abaixo do solo, a simplificação de ecossistemas, os imensos genocídios de humanos e outros bichos [...]”. São também as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, resultando em inundações, soterramentos, distúrbios ambientais e mortes. Ao sermos colocados diante da catástrofe, o Antropoceno como evento limite se revela e demonstra ainda mais sua urgência.

No entanto, ao clamar por “ficar com o problema”, Haraway (2023) não apenas nos coloca diante do Antropoceno, mas nos impõe uma *ação* direcionada para uma “prática do pensar-com” (Haraway, 2023, p. 77): pensar-com que envolve modos de entrelaçamentos chamados por ela de “fazer parentescos estranhos”^[5]; construir histórias ainda possíveis em um ambiente precário; comprometer-se, sem nenhuma garantia de sucesso e sobrevivência, com práticas coletivas para estabelecer um mundo possível para além do excepcionalismo humano. Ou seja, nos termos da autora, “pensar-com é ficar com o problema naturalcultural multiespécie na Terra” (Haraway, 2023, p. 69).

É dessa forma que podemos compreender *Testemunhos da Terra* como uma mundificação de arte-ciência – para utilizar os termos de Haraway – que permite, ao seu modo, ficar com o problema. As enchentes não se colocam como um problema passado que, no máximo, apontaria para um medo futuro. O transbordamento do Guaíba permanece não apenas como um composto das inúmeras consequências da intrusão de Gaia como, também, se desdobra em uma experimentação de ficar com o problema que entrelaça “passados ainda em curso”, “presentes espessos e futuros ainda possíveis” (Haraway, 2023, p. 264).

Esse tensionamento temporal de arte-ciência é construído na instalação a partir de um movimento que Haraway chamaria de *fabulação especulativa*: “Aqui propomos imaginar aquilo

que as áreas inundadas de Porto Alegre poderiam falar”, escrevem as autoras no texto de apresentação da obra. Não se trata de ficcionalizar uma catástrofe, mas potencializar aquilo que ela poderia revelar, forçando-nos a pensar junto com as enchentes e os vivos e os mortos – em diferentes tempos – que conformam as águas do Guaíba. Ou seja, trata-se de um modo de fazer algo trabalhar a partir do confronto do que Anna Tsing (2015) chamaria de vidas e ambientes precários – exigindo, assim, modos de sobrevivência colaborativa.

“Por consequência da saturação do solo”, escrevem Anelise De Carli e Camila Proto, “que ocorre quando um terreno está encharcado por muito tempo, vestígios materiais – tais como peças Mbyá-Guarani – poderiam vir à tona, tornando novamente visível um passado que resistia sob nossos pés”. A obra, assim, conduz uma fabulação especulativa a partir de uma (real) presença indígena na naquela região, misturando-se àquilo que a terra pode mostrar a partir de seus distúrbios em uma catástrofe. Nesse sentido, como revela o texto de apresentação da obra,

A instalação propõe um diálogo entre o fantasioso e o factual, tensionando as fronteiras entre arte e ciência, campos que acabam delineando aquilo que tomamos como verdade ou mentira, pensável ou impensável. Este universo não é apenas uma homenagem, mas um trabalho de reparação: uma tentativa de recuperar o protagonismo dos modos de ser e viver Guarani e de resguardar suas práticas de cuidado com os seres-terra que conformam o território onde todos vivemos.

Sob tal perspectiva, o movimento especulativo da instalação parece provocar, nesse embalo entre fabulação e construção factual, outros modos possíveis de se relacionar com aquela terra – e com os viventes, objetos e diferentes seres que a conformam. Para Haraway (2023, p.11), “fato científico e fabulação especulativa necessitam-se mutuamente”. O que se constrói como fato, vestígio ou imaginação, ajuda em uma reconstrução de emaranhados SF (*speculative fabulation, science fiction, science fact, speculative feminism, string figures*)^[6] de fios que articulam modos de vidas Guarani, práticas de cuidado, territórios, diferentes mundos precários, enchentes, Guaíba, e modos de viver e morrer em meio à catástrofe.

Sugerimos, portanto, pensar-com *Testemunhos da Terra* tendo como guias as maneiras por meio das quais Haraway, a partir de Stengers, conduz a ideia de um proposta especulativa. Trata-se de um modo de ativar um pensamento comprometido com o possível – resistindo, portanto, à narrativa de um progresso capitalista inevitável, e reerguendo nossa habilidade para pensar e imaginar um futuro ainda possível (Debaise; Stengers, 2018). Trata-se, assim, de um gesto ou operação especulativa que se conforma enquanto uma experiência de pensamento (Stengers, 1996) capaz de mobilizar maneiras de, no presente, inventar escapes ao futurismo e abrir espaço para ficar com o problema em colaborações inesperadas. Nesse sentido, a fabulação especulativa de Haraway se fundamenta não na abstração geral, mas sim por seu oposto: na experiência

situada, nas conexões parciais e nos saberes localizados (Haraway, 1995, 2023); no aqui e agora do “ficar com o problema”; na ação demandada pelas “artes para viver em um planeta devastado” (Haraway, 2023, p. 135), conformada na presença de todas as entidades envolvidas (humanas e outras-que-humanas).

A instalação que aqui analisamos, mais do que fabular histórias do Antropoceno, parece operar esse movimento especulativo que nos força a pensar diante da intrusão de Gaia: nos obriga, ao percorrer o espaço expositivo, a “hesitar, pensar e aprender conjuntamente” (Stengers, 2023, p. 17). Como lembra Haraway (2023, p. 114), “quer gostemos ou não, somos parte do jogo de figuras de barbante do cuidado com e pelas mundificações precárias”. De certa forma, *Testemunhos da Terra* parece chamar atenção para a possibilidade de contar histórias – em modo especulativo de arte-ciência, neste caso – capazes de nos fazer compreender que, mesmo diante da catástrofe, o “presente ainda oferece matéria à resistência”, “é preenchido de práticas ainda vivas”^[7] (Stengers, 1996, p. 23).

COMO TESTEMUNHA A TERRA?

Ao questionar o caráter excessivamente desenvolvimentista da ciência nas últimas décadas, Stengers (2015) propõe como gesto político o entendimento do futuro sob o signo da barbárie e enfatiza a urgência de pensarmos coletivamente em respostas para o que chama de “intrusão de Gaia”. Essa “intrusão” refere-se principalmente aos desastres associados ao Antropoceno, considerando tanto eventos recentes como aqueles em curso e os que estão por vir. Catástrofes ambientais, como as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024, entre tantas outras vivenciadas no Brasil e no mundo, parecem carregar consigo algum tipo de “mensagem” da natureza, como se fossem respostas violentas aos atos predatórios de nossa espécie contra o planeta. Entretanto, segundo Stengers (2015, p. 48), “nomear Gaia como ‘a que faz intrusão’ é também caracterizá-la como cega aos danos que provoca, à maneira de tudo o que é intrusivo”. Ou seja, nesses termos, não se trata tanto de entender as catástrofes ambientais como “respostas” aos nossos atos, uma vez que Gaia é indiferente à responsabilização dos danos causados e tampouco age como uma justiceira. Nomear Gaia seria um esforço consciente e pragmático de “atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita” (Stengers, 2015, p. 48). Seria, portanto, a tentativa de dar às consequências de nossos atos a forma aproximada de um interlocutor, um alguém nomeado que pode nos ajudar a pensar respostas para as causas

e as consequências dessa intrusão. Assim, em viés pragmático, nomear Gaia nos faz pensar, coletivamente, no que o próprio nome – e sua intrusão – traz como consequência.

Retornando ao trabalho de Camila Proto e Anelise De Carli com essas considerações em vista, chama-nos a atenção a escolha do nome da instalação: *Testemunhos da Terra*. O emprego do termo “testemunho” – sem um compromisso explícito por parte das artistas de convocar a imensa fortuna crítica produzida sobre ele em diferentes campos do conhecimento nas últimas décadas, mas também sem ignorá-la por completo – parece nos indicar que a Terra teria algo a nos dizer. Afinal, do que a Terra dá testemunho aqui? E como ela o faz?

“Aqui propomos imaginar aquilo que as áreas inundadas de Porto Alegre poderiam falar”. Quando afirmam, no texto de apresentação da exposição, essa possibilidade de “dar voz” às águas que invadiram a cidade, De Carli e Proto fazem também um convite à escuta atenta, e essa escuta atenta é central à própria noção de testemunho. Como argumenta Paul Ricoeur (2007), o testemunho nasce de uma designação do sujeito que fala como testemunha, a partir do estabelecimento de um vínculo entre aquilo que se diz e a realidade, sustentado pela afirmação da experiência de “ter estado lá”. Esse vínculo reivindicado pela testemunha só se sustenta, de fato, no momento em que há um interlocutor que crê naquele que oferece o testemunho. Trata-se, portanto, de uma relação dialógica pautada em uma dimensão fiduciária:

Essa estrutura dialogal do testemunho ressalta de imediato sua dimensão fiduciária: a testemunha pede que lhe deem crédito. Ela não se limita a dizer: “Eu estava lá”, ela acrescenta: “Acreditem em mim”. A autenticação do testemunho só será então completa após a resposta em eco daquele que recebe o testemunho e o aceita; o testemunho, a partir desse instante, está não apenas autenticado, ele está acreditado. (Ricoeur, 2007, p. 173)

Em outras palavras, o testemunho pede escuta, e é nessa premissa que Proto e De Carli parecem confiar a proposta de sua instalação. Na entrevista conosco, ambas ressaltaram o intuito de criar uma ambientação que favorecesse a experiência de um “espaço de escuta”. Coberta de preto, a sala onde *Testemunhos da Terra* foi exposta no MACRS oferece um protagonismo à misteriosa estrutura de papéis, cilíndrica e iluminada por dentro, que se apresenta como uma espécie de cabana e parece nos dizer que aquele é um espaço para pararmos e prestarmos atenção em algo. A imagem de uma “casa de reza flutuante”, revelada pelas artistas-pesquisadoras na entrevista, mostra-se, assim, bastante significativa do tipo de convite que é feito aos visitantes e indicativa do tipo de postura que se espera deles: uma que passe pela escuta atenta.

Desse modo, na obra analisada, a Terra testemunha, antes de mais nada, pelo reconhecimento do visitante da sua possibilidade de testemunhar. É preciso uma abertura de quem adentra a “casa de reza flutuante” para ouvir algo que a catástrofe pode dizer para além do dano causado

(mas não sem desconsiderá-lo, certamente). Os sons de água emitidos na exposição operam também como um convite a essa abertura, acionando o sentido da audição no intuito de ampliar a imersão. E assim, quando se entra na estrutura de papéis, é possível perceber uma outra dimensão crítica da obra, que, a nosso ver, propõe um entrelaçamento entre ciências e artes nos moldes das reflexões de Haraway (2023) sobre “ficar com o problema”.

No interior da instalação, é possível ver de perto o conteúdo dos papéis que formam as “paredes” da “cabana”. São trechos de artigos científicos, textos publicados em jornais e revistas, anotações, verbetes de dicionário, mapas e registros de diversas ordens que remetem ao fazer científico das universidades, bibliotecas e centros de pesquisa. Intervenções de vermelho nos textos orientam nosso olhar, ao mesmo tempo em que sugerem esse imaginário de um estudo pautado na ciência. Durante a entrevista, De Carli e Proto (2025) disseram que, para a composição desses papéis, foram feitas visitas a arquivos e museus na cidade de Porto Alegre. A expectativa, segundo elas, era criar uma performance da linguagem científica que, confrontada com outros elementos da exposição, poderia contribuir para o tensionamento desejado entre arte e ciência.

Nesse sentido, entendemos que cabe a interpretação de tais papéis como representações do documental e do arquivístico, tal como observado na historiografia ou na prática jornalística em seus processos de estabelecer fontes confiáveis para dizer da realidade. Em *Testemunhos da Terra*, os documentos parecem operar uma função ambígua: ao mesmo tempo em que resguardam um espaço de escuta, formam uma espécie de barreira que pode dificultar o acesso a esse mesmo espaço. Não por acaso, essa configuração apresentada na obra de Proto e De Carli reflete, em alguma medida, um dilema antigo enfrentado pela historiografia: a passagem do testemunho para o arquivo. Como aponta Ricoeur (2007), a mudança de estatuto do testemunho falado, pautado na memória viva, para o arquivo apresenta um invariável desnível que perpassa a passagem do dito e ouvido para o escrito. O que deixamos de ouvir quando nos mantemos atentos somente ao arquivo? *Testemunhos da Terra* parece convocar o nosso olhar justamente para esse imbróglio, na medida em que projeta, no centro do que seria o “pisso” da estrutura de papéis, um vídeo curto e cíclico de mãos movimentando uma superfície de areia.

O contato das mãos com o solo nos remete quase que imediatamente ao nome da exposição. Movimentar a terra com as mãos, nesse sentido, constitui-se em gesto que tateia possibilidades de alcançar os testemunhos da Terra tornados mais nítidos pela emergência da catástrofe. Nesse contato com o solo, reside uma lembrança de que aquela terra possui uma história que antecede a história da cidade – uma história que pertence aos povos Guarani que ali viviam. Por outro lado, e ao mesmo tempo, o movimento das mãos também pode ser

compreendido como uma representação do manuseio, no sentido da busca, da exploração e da seleção que demarcam o procedimento científico de análise do arquivo. Projetadas no interior da “casa de reza flutuante”, as mãos que reviram a terra podem, talvez, ser também as mãos que reviram os documentos expostos nas “paredes” da estrutura. Onde estão os testemunhos e quais as possibilidades de escuta?

A crítica ao arquivo é um dos argumentos principais de Ariella Aïsha Azoulay (2024) em seu enfrentamento ao que denomina de “história imperial”. Diagnosticando uma violência ao modo hegemônico de se praticar história no mundo ocidental e ocidentalizado, Azoulay defende que o arquivo, pelo menos no modo como ele costuma ser utilizado, é uma das principais ferramentas do imperialismo cultural na prática historiográfica, pois define como passado cristalizado os sujeitos e acontecimentos de uma determinada realidade, impondo uma narrativa autoritária que obriga esses mesmos sujeitos a viver em um regime histórico escrito por outros. Em suas palavras,

O campo fenomenal de um mundo arquivado assemelha-se a uma peça teatral em que, embora o inesperado possa sempre ocorrer, os papéis já foram atribuídos, os limites entre o dentro e o fora são predeterminados e o fluxo temporal e a duração também estão sob controle. (Azoulay, 2024, p. 112)

O enfrentamento a essa violência é o que Azoulay chama de “história potencial” – uma tentativa deliberada de combater os procedimentos da historiografia tradicional que corroboram e perpetuam um regime de violência contra determinadas populações, acreditando na possibilidade de se envolver com o mundo de uma maneira não fundada no progresso. A escolha pelo termo “potencial” feita por Azoulay nos lembra, guardados os devidos horizontes de pesquisa de cada autora, da potência imaginativa evocada por Haraway (2023) quando desenvolve a sua “fabulação especulativa”. Há, em ambas propostas, uma crença na força do tempo presente e na necessidade inadiável de deixarmos de recorrer a passados e futuros pré-estabelecidos. É preciso agir agora e, para isso, é preciso encarar – ficar com – o problema.

Em *Testemunhos da Terra*, o convite à escuta parece ser também o convite a ficarmos com o problema. Sem soluções imediatas e sem ignorar o trauma recente, ainda latejante, da catástrofe, a instalação aponta caminhos para tentarmos lidar com o presente em crise. Fabular novos modos de pensar o território, o arquivo e a relação com o planeta são esforços que demandam, em alguns momentos, a postura combativa incentivada por Azoulay, e, em outros, a liberdade imaginativa cultivada por Haraway.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise da exposição que realizamos aqui, bem como a entrevista com as autoras (De Carli e Proto, 2025), permite perceber que o procedimento fabulativo autoriza a responder perguntas que sequer foram feitas, especialmente se pensarmos as múltiplas temporalidades articuladas em *Testemunhos da Terra*. Segundo as autoras, trata-se de uma tentativa de pensar e agir, em sintonia com Haraway, com foco em um futuro potencial e como gesto devotado a um compromisso ético. Há, na instalação, um desejo de ressignificar a catástrofe das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024, mas essa ressignificação não envolve o apagamento da dor e do trauma, tampouco a substituição de uma narrativa centrada na realidade por um “e se” completamente desconectado dos acontecimentos. O que *Testemunhos da Terra* nos propõe é um exercício de fabulação especulativa que convida a reconsiderar histórias importantes que estavam sendo deixadas de lado, em um processo que envolve necessariamente a revisão de determinadas práticas e princípios do fazer científico.

A escuta, as vozes, os artefatos, os relatos e os documentos imaginados se entrelaçam no compromisso de criar argumentos para a retomada do território da Ponta do Arado pelos Guarani, em Porto Alegre. Uma fabulação que se quer de mãos dadas com a consciência e o reconhecimento do direito e um chamado ao dever. Metodologicamente, vemos em *Testemunhos da Terra* a consolidação de procedimentos testados anteriormente pelas autoras. Nas situações limite do Antropoceno, diante dos apelos de distintos mundos, trata-se de ver com quais relações é possível tramar, amplificando as “relações comunicacionais com esse outro” (De Carli e Proto, 2025). Em modo similar ao relato testemunhal (como sugerido pelo título da obra), o exercício de arte-ciência proposto pelas pesquisadoras parece pedir ao visitante um voto de crença naquilo que está sendo fabulado, como se o convidasse a acreditar também naquele mundo possível que *Testemunhos da Terra* ensaia.

Ampliando o debate, o que os apontamentos aqui reunidos parecem nos sugerir, à luz da noção de “mundificação da arte-ciência” proposta por Haraway (2023), é a urgência de tomar as problemáticas emergentes a partir do ecológico não como um desvio das perspectivas comunicacionais, mas como instigantes formas de recolocar questões e promover fricções outras em nossos objetos, atravessadas pela linguagem e pelo simbólico em partilha. O ambiental não é tema, nem campo isolado. Antes, é propulsor de uma rede complexa de relações que aciona convites à mediação e ao diálogo entre diferentes horizontes epistemológicos, solicitando estratégias multidimensionais de pesquisa e de cotejamento: os mecanismos de produção da informação, o problema da representação, as dinâmicas do imaginário, os gestos de alteridade radical, ou seja, a abertura a gestos criativos de sondagem das experiências emergentes em torno do comunicacional como intervalo potencial e privilegiado para tensionar o Antropoceno.

Como aprendemos com Anna Tsing (2019), as paisagens oferecem sempre o inesperado. Torná-las protagonistas de nossas histórias é costurar patamares mais conscientes para a escuta de respostas sensíveis ao estado das coisas. Fazer ciência no Antropoceno, portanto, é algo somente possível se for derivado de uma relação próxima, aberta, responsável e imaginativa com o mundo. Desenvolver novos modos de narrar é sempre arriscado, apesar de, muitas vezes, constituir-se em tarefa inescapável, como podemos perceber por meio da experiência que emerge de *Testemunhos da Terra*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZOULAY, Ariella Aïsha. *História potencial: desaprender o imperialismo*. São Paulo: Ubu, 2024.
- BARROS, Gabriella; BIANCHI, Graziela; BARBOSA, Lerianny. *O impacto das imagens geradas por IA nas enchentes do Rio Grande do Sul em 2024*. Anais do XVII Simpósio Nacional da ABCiber. Santa Catarina: ABCiber, 2024.
- DEBAISE, Didier; STENGERS, Isabelle. *The insistence of possibles: towards a speculative pragmatism*. Parse Journal, Gothenburg (Suécia): The University of Gothenburg, n. 7, p. 12-19, 2017.
- DE CARLI, Anelise; CONTER, Marcelo Bergamin; PROTO, Camila. *Quando Gaia irrompe no congresso: enchentes no RS e narrativas do Antropoceno e apesar dele*. Mídia e Cotidiano, Niterói: UFF, v. 18, n. 3, p. 206–228, 2024.
- DE CARLI, Anelise; PROTO, Camila. *Sobre Testemunhos da Terra*. Entrevista concedida a Igor Lage, João Damasio, Leonardo Pastor e Reges Schwaab, jun. 2025.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- FEITOSA, Sara. *Comunicação pública e desinformação: mitigação de danos à democracia diante de eventos climáticos extremos*. Comunicação Midiática, Bauru: Unesp, v. 19, n. 1, p. 35-53, jan-jun, 2024.
- FONTOURA, Rodrigo Weber. *A catástrofe das enchentes do Rio Grande do Sul: primeiras considerações etnográficas*. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz do Iguaçu: Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC), v. 11, p. 1-15, mar. 2025.
- HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, n. 5, p. 7-41, 1995.

- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Nota Técnica – Uma estimativa da população atingida pelas enchentes do Rio Grande do Sul em 2024*. Brasília: Ipea, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.38116/ntcgdti2>.
- JESUS-SILVA, Thiago Henrique; MARTINS, Helena. *Rio Grande do Sul e o ecossistema da desinformação: narrativas sobre a crise climática*. Comunicação Midiática, Bauru: Unesp, v. 19, n. 1, p. 11-34, jan-jun, 2024.
- MORAES, Tamara. *Desinformação: uma análise sobre o negacionismo climático no Instagram diante da crise no Rio Grande do Sul*. Anais do 47. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santa Catarina: Intercom, 2024.
- MOREIRA, Sônia V.. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROMANOFF, Ricardo. *Análise De Carli e Camila Proto fabulam vestígios de uma Porto Alegre pós-enchente*. Matinal Jornalismo, Porto Alegre, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/artes-visuais/anelise-de-carli-e-camila-proto-fabulam-vestigios-de-uma-porto-alegre-pos-enchente>.
- STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitiques: Tome 1. La guerre des sciences*. Paris: La Découverte, 1996.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.
- STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEM Mil Folhas, 2019.

-
- [1] Uma visita virtual da instalação está disponível em: https://youtu.be/YG9vUxFPkeg?si=os-_rRfg2c4ho0nB. Acesso em: 6 ago. 2025.
- [2] No sentido de um estudo aprofundado e compartilhado entre os autores, com discussões acerca dos contornos teóricos a serem adotados em sucessivas reuniões, posteriores ao processo de leituras e fichamentos dos textos.
- [3] Compreendidos aqui materiais jornalísticos e informativos acerca do contexto climático e das enchentes no período citado, bem como o material informativo criado pelas autoras acerca da exposição.
- [4] A entrevista foi gravada via *Google Meet*, com registro em áudio e em vídeo autorizado pelas entrevistadas.
- [5] Para “ficar com o problema”, Haraway argumenta pela necessidade de fazer parentescos estranhos (*oddkin*), referindo-se à necessidade de produzir conexões parciais em colaborações inesperadas entre diferentes seres.
- [6] Para Haraway, “SF” é uma proposição conceitual e metodológica que funciona como um modo experimental (e especulativo) de narrar fatos e “estórias” para construir um mundo possível diante do Antropoceno.
- [7] Tradução nossa. No original: “Résister à l’avenir probable dans le présent, c’est faire le pari que ce présent offre encore matière à résistance, qu’il est peuplé de pratiques encore vivantes”.